

## Chumbar porquê e para quê?

Já nos habituámos a que a maioria das notícias sobre educação sejam sobre insucesso, reprovações, maus resultados dos alunos portugueses nos estudos internacionais, ...

Seguindo esta linha, o Jornal Público de 24 de Maio, sob o Título *Um em cada três alunos chumba ao chegar ao ensino secundário* fala nos da retenção em todos os anos, através das estatísticas do GIASE relativas ao ano 2001/2002.

Ficamos a saber que 42 413, reparem bem 42 413 (!) alunos num total de 390 000 matriculados reprovam nos primeiros quatro anos de escolaridade, que quase 15% dos alunos portugueses ficam retidos no final do 2º ano de escolaridade e que estes números vão sempre aumentando nos ciclos seguintes acentuando-se nos anos de mudança de ciclo.

Não fosse termo-nos também habituado a aceitar a reprovação como um acto burocrático e normal, uma punição para quem não aprende, que lamentamos mas não discutimos, e esta notícia não podia ter ficado por aqui. O escândalo dos números teria que nos conduzir a uma discussão acesa e profunda em torno do sistema de ensino que temos, das alternativas possíveis às reprovações, do que fazer para que os nossos alunos aprendam em vez de chumbarem. Mas não foi assim!

O mesmo artigo refere que "37668 dos cerca de 71000 alunos dos cursos gerais não concluem num só ano o 12º ano e que nos cursos tecnológicos a taxa de conclusão fica abaixo dos 45%". Com tan-

ta reprovação, abandono e selecção, desde tão cedo, como explicamos os baixos resultados quando chegamos ao 12º ano?

Todos sabemos que não sendo a única disciplina a contribuir para as reprovações a Matemática tem um peso grande nestas percentagens. O Conselho Nacional da APM tem vindo a debater este assunto, a discutir e a defender o princípio da não retenção para o ensino básico.

O documento *retenção no ensino básico* disponível no site da APM, ([www.apm.pt](http://www.apm.pt), em sobre a APM, Conselho Nacional, documentos de trabalho) cuja leitura consideramos indispensável, refere nomeadamente " a APM defende, para o ensino básico, o princípio da não retenção". Entre outros argumentos, diz-se: "os professores não querem sentar um aluno de 15 anos ao lado de um de 11, no 7º ano de escolaridade, por exemplo, mas também não querem "passar" um aluno que não teve o sucesso esperado. Infelizmente esta é uma falsa dicotomia, a oposição entre passar sem saber ou ficar retido porque não aprendeu o que se esperava. O importante é que os alunos aprendam ..." e, mais à frente " por outro lado, a retenção em casos verdadeiramente excepcionais permitirá que todo o sistema educativo se concentre no essencial, as aprendizagens dos alunos, o que actualmente não acontece". De facto e, como se afirma, "ninguém pretende que os alunos passem sem saber", mas para isso é preciso saber o que fazer quando os alunos não têm sucesso. Nesse sentido, a proposta da APM discute e apresen-

ta medidas concretas para fazer face ao problema do insucesso que passam pelo "diagnóstico rigoroso e completo das dificuldades dos alunos e a autonomia e os meios para responder a esse desafio". Entre essas propostas, encontram-se a continuidade pedagógica, o recurso a medidas de apoio pedagógico, a utilização de horários incompletos e horários zero para a constituição de um par pedagógico dentro de uma sala de aula, o aumento do número de horas lectivas em algumas disciplinas e durante algum tempo, entre outras.

É claro que podemos perguntar, "e tudo isto não sai muito caro numa altura em que falamos de novo, ou ainda, de contenção de despesa?". Não há dúvida que estas medidas têm o seu custo, mas a simples retenção, tem também um enorme custo: o custo financeiro da conservação dos alunos no sistema por mais tempo, mas sobretudo, o custo resultante da falta de investimento na educação de gerações sucessivas. Este não é mensurável na contabilidade no final do ano, mas é certamente decisivo para a evolução do país.

Será que poderemos continuar a ler, descansados, notícias como estas, sem nos interrogarmos mais sobre o que podemos fazer?!

**Hdelina Precarado**

Esc. Sec. Camões

**Lina Brunheira**

Esc. Sec. Amora



# Um em cada três alunos chumba ao chegar ao ensino secundário

Os últimos números disponíveis sobre aproveitamento escolar mostram que as mudanças de ciclos de estudo são acompanhadas por aumentos significativos dos níveis de retenção. O 12º é de longe o ano mais difícil

ISABEL LEIRIA

O 10º ano pode não ser a etapa mais problemática para os alunos portugueses, mas é no início do ensino secundário que as dificuldades aumentam para um número muito considerável de estudantes. Se no 9º há 16,6 por cento dos inscritos

Ainda ao nível do ensino secundário, as estatísticas deixam bem claro que o 12º é o mais difícil de concluir num só ano lectivo. Num universo de cerca de 71 mil matriculados em cursos gerais (no continente), apenas 37.668 os concluem.

retirar dos últimos números relativos ao aproveitamento escolar no ano lectivo de 2001/2002, compilados pelo Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE).

Ainda ao nível do ensino secundário, as estatísticas deixam bem claro que o 12º é o mais difícil de concluir num só ano lectivo. Num universo de cerca de 71 mil matriculados em cursos gerais (no continente), apenas 37.668 os concluem. Nas formações tecnológicas, frequentadas por um número muito mais reduzido de alunos (15.527), a taxa de conclusão fica abaixo dos 45 por cento. A realização de exames nacionais, que contam 30 por cento da classificação final, não será alheia a estas baixas percentagens de sucesso no 12º ano.

Por agrupamentos, verifica-se que é nas áreas económico-social e científico-natural que os chumbos são mais elevados. Nas artes e nas

Do 4º para o 6º ano, ou seja, do 1º para o 2º ciclo do ensino básico, passa-se de uma taxa de retenção/desistência de 9,7 por cento para 15,5 por cento.

12 anos de escolaridade, torna mais evidente são os fatos que acontecem entre ciclos de estudo.

Do 4º para o 6º ano, ou seja, do 1º para o 2º ciclo do ensino básico, passa-se de uma taxa de retenção/desistência de 9,7 por cento para 15,5 por cento. A passagem é muitas vezes acompanhada pela

mudança de escola, o currículo passa a prever oito disciplinas diferentes que podem ser dadas por outros tantos professores e os alunos parecem ressentir-se do aumento de exigência.

A situação repete-se do 2º para o 3º ciclo, com 16 por cento dos estudantes a chumbar no 6º ano. No 7º, os números sobem até aos 22 por cento. Terminada a escolaridade obrigatória, o salto torna-se definitivamente maior e a entrada no ensino secundário é marcada pela retenção de um em cada três alunos (cursos gerais) e de um em cada dois nos cursos tecnológicos.

As estatísticas do GIASE permitem ainda verificar que as dificuldades dos alunos começam logo a fazer sentir-se no 1º ciclo. Globalmente, a taxa de retenção/desistência fica nos 10 por cento. Olhando para os números absolutos, verifica-se que, em 2001/2002, chumbaram 42.413 estudantes, num universo superior a 390 mil matriculados, nos primeiros quatro anos de escola.

A maior percentagem de insu-

Verifica-se ainda que as taxas de retenção apresentam uma diferença mínima entre alunos do público e privado. E são incompativelmente mais os que frequentam as escolas do Estado.

anciamente mais elevadas. Por título de exemplo, refere-se a 30 por cento de chumbos registados nos 2º e 5º anos do ensino básico, quando a média nacional se fica por metade.

Verifica-se ainda que as taxas de retenção apresentam uma diferença incompatível entre os alunos do ensino público e privado. E são incompativelmente mais os que frequentam as escolas do Estado.

entenderem que o aluno revela um grande atraso educativo em relação às capacidades e objectivos definidos no currículo para esse ciclo de estudos. Nos 6º e 9º anos, por regra, os estudantes chumbam se tiverem negativa a Matemática e Português ou classificação inferior a 3 em três outras disciplinas.

## Taxas de retenção/desistência e não conclusão

ENSINO BÁSICO	ENSINO SECUNDÁRIO
<b>1º ciclo: 10%</b>	<b>Cursos gerais</b>
2º ano: 14,8%	10º ano: 35,3%
3º ano: 8%	11º ano: 20%
4º ano: 9,7%	12º ano: 47,6%
<b>2º ciclo: 15,5%</b>	<b>Cursos tecnológicos</b>
5º ano: 15%	10º ano: 49,1%
6º ano: 16%	11º ano: 29,1%
<b>3º ciclo: 19%</b>	12º ano: 56,2%
7º ano: 22,2%	
8º ano: 17,9%	
9º ano: 16,6%	

Fonte: Estatísticas da Educação 2001/2002, Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo



In Publico, 24 Maio 2005